

O DIÁLOGO SOCIAL E O CONSTRUTIVISMO



ELE É UM DOS ESTUDIOSOS CONTEMPORÂNEOS MAIS INFLUENTES ACERCA DO LEGADO DEIXADO POR PIAGET. EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, MARIO CARRETERO ANALISA A TEORIA CONSTRUTIVISTA APLICADA À REALIDADE DAS INSTITUIÇÕES E AFIRMA CATEGORICAMENTE QUE, ANTES DA MESMA SER LEVADA ADIANTE NA SALA DE AULA, É PRECISO ESTABELECEER COM CONVICÇÃO UM DIÁLOGO COM AS CRIANÇAS E SEU CONTEXTO FAMILIAR

Por Adriano Zanni

Psicólogo de formação, ele sempre se mostrou crítico quanto à postura adotada por diversas instituições de ensino, principalmente, quando o assunto é a adoção do construtivismo como “bandeira” de um método estruturado ou simplesmente como fio condutor do plano pedagógico para as mais variadas disciplinas.

Mario Carretero, pesquisador espanhol e um dos mais renomados estudiosos contemporâneos na área da psicologia da educação, tem bagagem de sobra para discorrer sobre os prejuízos causados por uma “educação mais mecanicista” e calçada no autoritarismo como prática do cotidiano escolar. Estudante no período em que o ditador Francisco

Franco governava a Espanha (1936-1975), ele recorda-se das aulas rígidas na educação básica, com metodologias de ensino calcadas estritamente em processos de memorização.

Tal experiência no passado talvez tenha contribuído para expandir-lhe horizontes e para que adotasse a teoria preconizada pelo suíço Jean Piaget como linha mestra de suas pesquisas e estudos.

Atualmente, vinculado à Universidade Autônoma de Madri e à Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO, Buenos Aires), revela-se um profundo conhecedor dos sistemas de educação da América Latina. Em entrevista à Super Escola, o autor de *Construtivismo e Educação* (2009) e de

Documentos e identidade. A construção da memória histórica de um mundo globalizado (2010),

faz críticas ao fato de muitos educadores confundirem a teoria construtivista com a questão da espontaneidade. “Pensar o desenvolvimento da criança sob esse prisma não significa simplesmente abandonar a metodologia e a estruturação do plano de aulas”, complementa.

Super Escola – Como o senhor avalia os métodos estruturados de ensino no processo de aprendizagem?

Mario Carretero – O ensino é uma atividade que deve sempre ser estruturada. Do contrário, em minha opinião, não é um ensino bom. Um dos primeiros métodos de renovação pedagógica do começo do século XX, o de Freinet, sempre foi muito estruturado. Da mesma forma que as contribuições metodológicas de autores como Montessori, entre outros. Acontece que, muitas vezes, se confunde construtivismo com “espontaneísmo”. Ou seja, levar em consideração o desenvolvimento da criança não significa deixar que o ensino seja totalmente espontâneo.

Super Escola – Esses métodos podem ajudar eficazmente em relação ao entendimento e motivação em sala de aula?

Mario Carretero – Entendimento e motivação são duas caras da mesma moeda. Não se compreende algo que não é motivador. Sem dúvida, estruturar o ensino, sem cair em um ensino rígido, nem autoritário, ajuda tanto o entendimento como a motivação.

A TEORIA DE PIAGET É UMA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO, NÃO UMA TEORIA DA APRENDIZAGEM E MUITO MENOS DE ENSINO. SUA APLICAÇÃO NA ESCOLA DEVE SER SEMPRE POR MEIO DE UMA REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO

Super Escola – O senhor é um pensador adepto à teoria construtivista, correto? Como analisa a atuação das instituições de ensino hoje frente ao legado deixado por Piaget e outros importantes educadores?

Mario Carretero – Meu pensamento a esse respeito pode ser encontrado em meus livros, particularmente em *Construtivismo e educação*, que espero que seja publicado brevemente no Brasil. É difícil responder resumidamente. Acredito que a teoria de Piaget seja a mais importante teoria sobre o desenvolvimento, tanto intelectual como social e afetivo, mas isso não quer dizer que não deva ser revisada e modificada como todas as teorias científicas. Atualmente, existem muitas pesquisas cognitivas que confirmam as teorias de Piaget, entretanto, outras descobrem capacidades mais precoces nas crianças e refutam alguns posicionamentos, mas não aquilo que é mais importante da teoria. Porém, a teoria de Piaget é uma teoria do desenvolvimento, não uma teoria da aprendizagem e muito menos de ensino.

Sua aplicação na escola deve ser sempre por meio de uma reflexão sobre a educação.

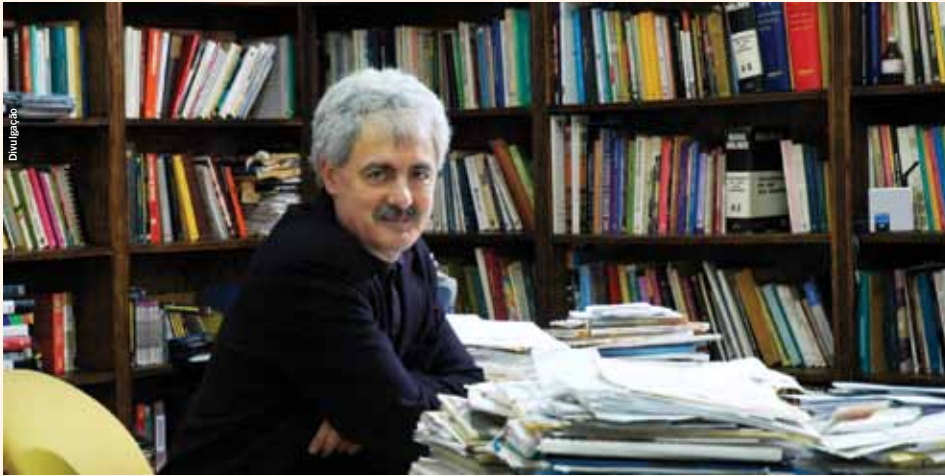
Super Escola – Em sua opinião, há pontos falhos, então, na própria teoria construtivista que precisam ser revistos. Quais seriam?

Mario Carretero – O termo construtivismo é muito genérico. Quando falamos de construtivismo, estamos fazendo uma consideração crítica do construtivismo aplicado em aula. Não podemos dizer que está sendo bem ou mal aplicado. A questão não é essa. Temos de ser mais precisos. Estamos, por exemplo, falando de leitura e escrita nos anos iniciais, do ensino de ciências sociais ou de história?

Uma questão muito importante que se discute internacionalmente em relação ao construtivismo, por exemplo, se concentrava na área de ensino de ciências nos anos que equivalem ao Ensino Fundamental no Brasil. Dessa forma, é preciso diferenciar a questão do ensino da escrita e da leitura nos anos iniciais de outra questão, mais genérica, que é a discussão sobre a teoria em si. De qualquer modo, acredito que, em alguns países, o construtivismo se equivocava na concepção de que devia condicionar a aprendizagem ao desenvolvimento. O que significa que se devia “esperar” que o aluno compreendesse algo para ensiná-lo a ele. Sem dúvida, esse erro foi corrigido na teoria construtivista. Muitas universidades, como Harvard, propõem-se a discutir constantemente as teorias de Piaget sobre o desenvolvimento moral. No



PUBLICADA PELA ARTMED (320 PÁGINAS), A OBRA CONDUZ O ENSINO DE HISTÓRIA para além da memorização de datas e acontecimentos. Convida o discente a problematizar as causas e as consequências a partir das quais torna-se possível uma reflexão acerca dos pilares nos quais se sustenta a sociedade atual



ano passado, fiquei muitos meses lá e pude comprovar pessoalmente.

Super Escola – Nos últimos 20 anos, no Brasil, a escola recebeu muitos alunos de famílias em que ninguém sabia ler ou escrever ou tinha pouca habilidade para isso. Como os pais dessas crianças podem participar da construção de um processo de aprendizagem?

Mario Carretero – A leitura e a escrita, sem dúvida, são processos muito artificiais. Nenhuma cultura desenvolveu esta capacidade sozinha. É uma habilidade que se desenvolve somente nas sociedades onde existe a escola. Outra coisa importante é o contexto em que se compartilha esta aptidão pela escola. A escola está sempre em um contexto social específico. Dessa forma, ao fazer uma crítica aos métodos construtivistas, muitas vezes, se criticam apenas as técnicas. Mas isso não é a única coisa com que o construtivismo lida. Também lida com o respeito pela criança. Ou seja, é necessário realizar um diálogo social com ela. Isso é importante na medida em que as crianças que

vivem em uma situação de pobreza, em que os pais não têm livros ou materiais escritos são um ponto de partida muito diferente das crianças da classe média cujos pais leem livros e jornais. Pesquisas realizadas no mundo todo demonstram que uma das variáveis mais importantes no aprendizado da leitura e escrita são os pais. Ou seja, que eles também leem e leem com seus filhos.

Super Escola – O senhor concorda com os sistemas de avaliação e as medidas utilizadas para classificar as escolas de educação básica? Até que ponto os princípios construtivistas são levados em consideração quanto à formulação desses parâmetros de avaliação curricular?

Mario Carretero – Uma coisa é falar de um aspecto da educação, da leitura e da escrita, ou coisa parecida. Outra é falar de políticas educacionais que afetam toda a população escolar. Isso se reflete, por exemplo, nas avaliações internacionais, como o Pisa ou outras que se relacionam com os resultados educacionais de todos os alunos de um país. As

medições têm a ver com os resultados da aprendizagem, mas não necessariamente com os métodos de ensino que, por sua vez, não são os únicos responsáveis pelos resultados das avaliações. Significa que o resultado dessas avaliações também depende, principalmente, do nível de desenvolvimento socioeconômico do país. Dessa forma, muitos pesquisadores afirmam que, no caso da América Latina, os resultados do Pisa não seriam comparáveis aos dos chamados países desenvolvidos.

Super Escola – Como o senhor analisa, então, a realidade da educação fundamental no Brasil e que comparações podem ser feitas em relação ao ambiente educacional espanhol?

Mario Carretero – Acredito que a educação não possa ser separada do contexto social. No Brasil, existem escolas muito boas as quais visitei e conheço bem. Mas o problema é desenvolver todas as escolas do País, não apenas algumas. Isso depende de grandes investimentos em educação pelos governos e também da promoção da cultura e do desenvolvimento no geral. 🗣️

CURSOS VIRTUAIS

Visando trabalhar com professores de vários países sobre as questões relacionadas na entrevista, Mario Carretero coordena um curso virtual na FLACSO, na Argentina, onde estes temas são apresentados detalhadamente, tanto do ponto de vista teórico, quanto do prático. No endereço <http://virtual.flacso.org.ar/> podem ser encontradas mais informações.